



JORNAL EXÉRCITO DE OXALÁ

Jornal Dezembro 2017

Nesta Edição:



Festa das Yabás
Tupomi - 2017



As linhas de Esquerda e Direita



Homenagem A Bento Do Portão



Magia das Velas

Editorial:

O Homem e o Universo

Dizem que os factos, na História, estão sempre a repetir-se.

Também na UMBANDA observamos factos, como a história de Pai

Segundo contam, em sua juventude, Pai era dotado de privilegiada inspiração cósmica.

Apesar da sua pouca instrução, possuía uma forte imaginação, falava como um filósofo, podendo até prever acontecimentos futuros.

Tinha grande respeito às Religiões e bastante inclinação para os estudos religiosos. Filiou-se a algumas escolas místicas e frequentou várias Religiões.

Cursou algumas escolas de origem Oriental onde adquiriu noções de Misticismo, ingressou no Espiritismo e por algum tempo estudou com entusiasmo as instruções Kardecistas.

Mais tarde, ingressou na UMBANDA, onde dizia ter-se encontrado, pela ritualística, pela magia e encantamentos. Revelou-se bom Médiun, realizando, inclusive, curas com sucesso.

Com graduação de Pai de Santo, abriu casa, teve seus próprios discípulos, ensinou algo que admi-

tia que não era dele.

Tornou-se conhecido, e passou a gostar da notoriedade e de popularidade e passou a declarar que os ensinamentos eram seus e todas as coisas que fazia e dizia também.

Pensava com exclusivo egoísmo, no pensar autónomo, que não se dirige o conhecimento sempre mais profundo das leis do ser, que exprime o pensamento de DEUS, dos ORIXÁS, para depois segui-los com sabedoria.

Violou a lei do amor fraterno, invertendo a direcção da via aberta por DEUS, na ilusão de crescer e subir.

Muitos antigos manuscritos de natureza altamente espiritual afirmam que não há pecado maior da carne, que a vaidade e o orgulho.

Foi decaindo, também na saúde, um exemplo típico de alguém que foi rejeitado pelo Cósmico, em virtude da violação ética das Leis do Universo.

Na ilusão de crescer e subir,

ficou aprisionado em seu desespero. Quem se faz DEUS por DEUS é punido.

DEUS nos dá só aquilo que é justo, e que segundo a sua Lei, nos seja dado.

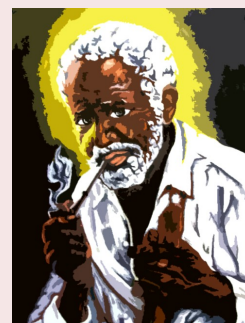
Tornou-se uma vítima de suas próprias obsessões, e morreu após anos de terrível sofrimento.

A vaidade, a tentação de procurar o poder e a popularidade, foram os motivos de sua queda.

Será que o que aconteceu com o Pai Continua acontecendo em nossos dias ?

É necessário que se encare a Doutrina como algo muito sério e que o médium seja o veículo que existe para servir as Leis de DEUS.

Muito Axé,
Artur de Xangô



Homenagem a Bento do Portão - por Luísa Carvalho



Antônio Bento, mais conhecido como Bento do portão, nasceu a 29 de Janeiro de 1875, na cidade da Bahia e viveu na cidade de Santo Amaro em São Paulo. Os moradores mais antigos contam, que Bento do portão chegou a Santo Amaro, caminhando a pé desde a Bahia. Quando chegou a Santo Amaro, foi acolhido por

uma fazendeira, Isabel Schimidt, que lhe levava todas as manhãs café e pão. Durante o dia, quando tinha fome, sentava-se na porta das casas, á espera que lhe dessem comida, ou então no portão do Cemitério. Por isso, ficou conhecido como Bento do Portão. Aqui, viveu como mendigo e curandeiro. Em troca de um prato de comida, ele fazia favores aos moradores. Cortava lenha, carregava água das minas de água de **Iguatinga** e todo o tipo de favores de que os moradores da região necessitavam. Todos o respeitavam e ajudavam. Havia claro, quem o tratasse mal, cuspiam-lhe, chamavam-lhe mendigo e feiticeiro, mas na verdade era uma pessoa muito bondosa e caridosa e sempre retribuía... quando tinha roupas ou alimentos de que não precisava, ele dava para quem necessitasse. Também, oferecia conselhos e rezas como curandeiro. Não cobrava nada, recebia apenas o que as pessoas tivessem para lhe dar. Às vezes um cigarro de palha ou até uma guloseima eram o pagamento. Á noite, dormia num pequeno quarto de cortiço (habitação, onde moravam várias pessoas ou famílias, juntas, de baixas condições sociais e sem condições sanitárias), onde havia um matadouro e que hoje é o endereço do Shopping Boa Vista.

Bento do Portão, apareceu morto á porta do cemitério de Santo Amaro, em 29 de Junho de 1917 e tinha 42 anos. Foi encontrado, pela mesma Senhora, Isabel Schimidt, que inicialmente o acolheu e lhe dava o café e o pão todas as manhãs. A causa da morte é desconhecida. Foi ainda por intermédio desta Senhora, Isabel Schimidt, que a administração do cemitério cedeu, um lugar tranquilo para acolher definitivamente o corpo de Bento do Portão.

Sete anos após a sua morte, segundo relatos, quando procederam á exumação do corpo, o mesmo encontrava-se intacto, sem qualquer sinal de decomposição. A notícia difundiu-se e começou a peregrinação ao túmulo de Bento, onde cada vez mais devotos se deslocavam,

para pedir e agradecer bênçãos concedidas por ele. Bento tornou-se assim numa figura de devoção, um santo, embora não reconhecido pela igreja católica, mas muito popular pelos milagres que lhe foram sendo atribuídos. Um dos primeiros milagres relatados após a morte de Bento, conta-se, foi uma senhora, que já o conhecia como curandeiro e a quem foi diagnosticada diabetes. Por causa da doença, teria de ser intervencionada cirurgicamente, para lhe serem amputadas ambas as pernas. A senhora recorreu em oração a Bento do Portão, pedindo-lhe que a ajudasse. Quando voltou ao hospital, para realizar a intervenção cirúrgica, os médicos informaram-na que já não havia necessidade de proceder á amputação.

Em 2002, um senhor português ofereceu uma lápide para o seu túmulo. Em consequência, a Administração do cemitério, negociou com os familiares dos sepultados, para conseguir um espaço e construir um memorial para Bento do Portão. Todos os materiais usados na construção do memorial, desde telhas a ferros e tijolos, foram cedidos por devotos. O memorial tem cobertura e velário e as paredes estão cobertas com placas de agradecimento por graças concedidas. A inauguração aconteceu no dia 08 de Julho de 2002. Durante a cerimónia, dezenas de pessoas, autoridades locais e famílias tradicionais de Santo Amaro, estiveram presentes para homenagear Bento do Portão e agradecer pelas bênçãos concedidas.

Falamos, neste caso particular do **Templo de Umbanda Mestre Tupinambá** e do seu zelador **Pai Varela**. Todos os anos se faz uma homenagem ao Santo Bento do portão, com o apoio do **Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo** e este ano não foi diferente. Foi realizada uma procissão com a figura do Santo Bento, oferendas de comida e muitas flores. Desfilaram crianças e adultos, na representação dos Orixás e entidades de umbanda, bem como a teatralização do nascimento, paixão e ressurreição de cristo. A festa culminou com o fogo-de-artifício, precisamente no momento da ressurreição do Cristo.



Segundo a Administração do Cemitério, estima-se que cerca de 700 pessoas, visitam mensalmente o mausoléu. Todas as segundas-feiras, ao meio-dia, os devotos fazem orações e levam flores do campo para enfeitar o túmulo e utilizam a água das jarras para

banho e para beber, pois considera-na benta. O tratamento e cuidado do mausoléu, é da responsabilidade dos missionários da **Comunidade Divina Luz**, liderada pelo Missionário **Paulo Oliveira**. Esta Comunidade, realiza todos os anos, no mês de Janeiro a festa em honra do Santo Curandeiro Baiano. Embora Bento do Portão seja associado ao catolicismo como santo, pese embora não seja canonizado, alguns templos de religião Afro-Brasileira, associam-se anualmente a esta festa.



Muita assistência e muitos convidados do **S.O.U.E.S.P.** de vários terreiros, quer de Umbanda quer de candomblé e um representante da igreja católica. Santo Bento do Portão é, religiosamente falando, universal. É considerada uma **Entidade de Luz de Referência**, de acordo com Pai Varela – Templo Mestre Tupinambá. Auxiliador dos aflitos, doentes, pobres e ricos pois a aflição, não escolhe a condição social do ser humano. Para colocar em marcha o processo de beatificação, não são suficientes os milagres já realizados mas, é necessário dinheiro. De acordo com o anunciado na página de **Facebook Bento do Portão**, foi criada uma associação para que os devotos e simpatizantes façam donativos, para angariação dos fundos necessários para o processo de beatificação. É desejo de todos os seguidores, devotos e agraciados, que Bento do Portão ganhe um lugar no altar da igreja católica. “Ele já é santo, porque santo já nasce santo por ordem de Deus.” (in [pág.fbk-Bento do portão](#))

Salve, Bento do Portão.

ERVAS NA UMBANDA—por Ana Vidal

“KOSI EWÉ, KOSI ORISÁ” - SEM FOLHAS NÃO HÁ ORIXÁ

Benjoim: Relaxante e Sedativo



Conhecido como “*bálsamo do monge*”, o benjoim é utilizado em defumações e incensários desde tempos remotos. Antes de ser integrado pelas religiões afro-brasileiras (sendo uma das plantas preferidas em terreiros e centros de umbanda), monges tibetanos, civilizações indianas e povos árabes já o utilizavam amplamente nos seus rituais e cerimônias religiosas, por constituir um potente liberador de energias negativas presas no ambiente, purificando-o e eliminando, em simultâneo, bloqueios espirituais e larvas astrais.

O incenso desta erva possui várias utilidades terapêuticas, sendo particularmente conhecido pela sua **ação relaxante, sedativa e anti-depressiva**. Ao aliviar a ansiedade, a tensão, o nervosismo e o stresse, funciona como um regulador do sistema nervoso. Respirada, a sua essência produz efeito expectorante e descongestionante, auxiliando no tratamento de inflamações da garganta e brônquios. Já o óleo de benjoim é bastante indicado para **tratar irritações cutâneas**, pelo que pode ser aplicado diretamente na epiderme em caso de úlceras, fissuras ou fendas (na boca, ânus, mamilos, entre outros), favorecendo a cicatrização.

Outras propriedades terapêuticas do benjoim: ação bactericida e anti-fúngica; ação diurética; eliminação de espasmos e gases abdominais (efeito carminativo); anti-reumático e anti-artrítico.

Eucalipto: Limpeza energética e Purificação



A nível terapêutico, o eucalipto é, sobretudo, reconhecido pelo seu efeito ao nível respiratório.

Através da inalação dos seus vapores, problemas como bronquite, sinusite e rinite podem ser amenizados, sentindo-se um alívio quase imediato dos sintomas. O uso desta planta através de chás/infusões também é recomendado para o combate de **gripes e resfriados, febre e tosse com muco**. Pela sua ação antissética, as folhas de eucalipto também ajudam a tratar amigdalites e problemas do aparelho urinário (cistite, uretrite e infeções urinárias). Na Umbanda, a linha dos Caboclos aconselha-as, com regularidade, na forma de compressas para a cicatrização de feridas e alívio de inflamações da pele, dada a sua ação anti-inflamatória e anti-microbiana. O uso interno do eucalipto está contraindicado durante a gravidez.

As folhas de eucalipto são magnetizadores de energias negativas e miasmas, tanto impregnadas nos ambientes, como, individualmente, no campo áurico. Usadas para defumação, servem para a sucção de larvas astrais que ficam no ambiente durante os trabalhos espirituais; já o banho é utilizado para **limpeza da aura e do corpo físico**, de modo a **reestabelecer o equilíbrio energético** e a atrair boas vibrações para quem o toma. Os Caboclos são as Entidades que melhor conhecem os poderes desta folha e que melhor a sabem manipular, conforme as necessidades de cada um.

Flor de Laranjeira: Segurança e Auto-confiança



Na umbanda, a flor de laranjeira é, muitas vezes, utilizada no ritual de lavagem do Ori, pois é uma essência que pertence a Oxalá e lemanjá, “os pais” de todas as cabeças. É empregada também na limpeza de guias e de outros objetos litúrgicos pertencentes a esses Orixás.

O banho de água de flor de laranjeira **limpa, descarrega e atrai a harmonia emocional**, sendo muito utilizado para questões de amor e para ajudar a encontrar o companheiro ideal.

Este banho eleva as energias do amor e serve também para causas relacionadas com o reforço da **auto-confiança e segurança**, tanto no quesito emocional como financeiro. O banho (sempre dos ombros para baixo) traz a sensação de leveza e descanso.

Usada na forma de infusão (chá), esta planta medicinal tem efeito calmante, sendo muito utilizada em caso de **distúrbios do sono ou**

tensões nervosas, e atua afastando o pânico.

Guiné: Limpeza e Descarrego

A guiné constitui a erva mais popular dentro dos cultos religiosos. Segundo Adriano Camargo, especialista em ervas: “*A Guiné é uma erva tão importante para o uso religioso que, na Umbanda, muitas falanges se formam usando seu nome como base, como Caboclo Guiné, Preto Velho Pai Guiné, etc. E aparece em centenas de pontos cantados na Umbanda e linhos entoados no Catimbó.*”

À semelhança da arruda, a guiné tem ação cortante, por isso é tão temida pelas hostes do baixo astral. É, por essa razão, muito indicada para **limpezas pesadas, para cortar demandas e negativismos, eliminar cordões energéticos densos e também curar desequilíbrios**.

Ritualisticamente, é empregada em banhos, defumações e também na forma de pó para benzimentos e descarregos. O escalda-pés com esta erva é muito indicado para dias difíceis, em que a pessoa se sente extremamente pesada e carregada.

A guiné é também recomendada, na medicina naturalista popular, para tratamentos de dores localizadas, contra picadas de insetos e, até mesmo, contra sarnas (colocam-se as folhas e galhos imersos em álcool e deixa-se repousar por, no mínimo, 15 dias; de seguida, basta passar o álcool com ervas em cima da picada ou no foco da sarna).

Pela sua alta toxicidade, o seu uso é recomendado apenas de forma externa. Em altas doses, caso seja ingerida, pode provocar hemorragias, tendo, por isso, efeito abortivo.



“OS ACARAJÉS DA MINHA VIDA” - por Teófilo Pereira



Acarajé, esta palavra teve origem na África dos nossos ancestrais e quer dizer “comer bola de fogo” (Akaré = Bola de Fogo e Jé = Comer).

Este prato típico teve origem a partir

de uma lenda do casal do dendê, Xangô (Orixá dos raios e trovões, fogo e justiça) e sua esposa Iansã (Orixá responsável pelos ventos e tempestades) e narra a lenda “que Iansã procurou Ifá para buscar comida para seu marido Xangô. Ifá falou que cada vez que Xangô comesse, deveria contar ao Povo. Ao partir, Iansã desconfiou e comeu antes de levar a Xangô, porém nada aconteceu. Quando chegou a casa, deu a Xangô para comer dizendo-lhe as recomendações que Ifá lhe tinha proferido. Quando Ele comeu e foi contar ao Povo, da sua boca saíram bolas de fogo. Iansã ficou nervosa e correu para o ajudar, mas da sua boca também saíram bolas de fogo e o Povo começou a chamá-lo de Grande Rei de Oyó (do fogo).

Sempre na minha vida, a partir de uma certa altura, os acarajés fazem parte dela e eles me unem numa união profunda com a religião que perfilhei no momento em que tomei a decisão de que a Umbanda é o elo forte que liga a minha vida terrena com os ancestrais que nos cercam com toda a sua sabedoria e conhecimento, para que a humanidade possa crescer no entendimento do Deus que trazemos conosco, desde o primeiro dia que já foi muito lá atrás.



Por isso, todos os anos, desde aquela altura, na minha Casa – O TUPOMI – os Acarajés são sintoma de que estamos em festa, homenageando as nossas Yabás “Deusas do amor e Guerreiras” e, literalmente, o termo é usado para definir as 6 principais Orixás femininas que são responsáveis pelo equilíbrio da terra e da vida (Iansã, Oxum, Yemanjá, Obá, Nanã e Ewa).

E, todos os anos, no TUPOMI (nossa Casa), Elas se fazem representar na grande roda da vida simbolizadas nas minhas irmãs no Santo que, com a sua matéria, se disponibilizam para

ser intermediárias dos valores e irradiações de todas as Yabás que descem na Nossa Casa.

Mais uma vez, o TUPOMI esteve em festa.

Lindas, belas, transcendentais e soberanas foi a forma como as vi e interpretei durante todo o ritual e Palavras não definem o sentimento vivido, mas todos os anos ficamos radiantes e orgulhosos por elas, são minhas irmãs no Santo e nós estivemos com elas, como é a obrigação de um irmão.

Da mesma forma, um filho tem a obrigação para com sua Mãe de Santo, pondo em evidência o amor, o respeito, a gratidão e o equilíbrio que a Senhora do Vento nos transmitiu. Nunca esqueço a palavra gratidão e respeito pela mão que cuida do meu Ori...Feliz pela sua tranquilidade no desenrolar do ritual. Foi lindo e pedagógico, e só não aprendeu quem não quis, porque a religião que abraçamos é uma vivência sistemática e uma prática de atitudes diárias que todas Elas nos ensinam.

Sou Filho, sou Irmão, também sou Amigo e, acima de tudo, irreverente e rebelde nos sentimentos que transporto. É um ato de amor estar convosco, mesmo nas dificuldades de entender e perceber que Orixá cuida de nós...

Reconhecimento e gratidão pela Minha Casa, o meu Terreiro, o nosso Terreiro...Pela nossa Mãe, ao nosso Pai e Pai Diogo cuja presença é sempre sublime para os andamentos dos trabalhos que realizamos... A Curimba esteve sempre no seu melhor... Pelas minhas irmãs e irmãos de Santo, por todos os que fizeram, que o melhor da vida é estar em sintonia com O TUPOMI, porque o TUPOMI representa para todos nós um farol, na nossa Fé. E nós personificamos os valores maiores da Umbanda que é a manifestação do Amor e da Caridade.

Todos estivemos maravilhosos num ritual transcendente e sublime que foi de todos nós.

Por isso, o simbolismo do Acarajé na vida de todos nós, não importa se gostamos ou não de o digerir, mas a melhor forma de o digerir é estar sempre em consonância com a fórmula mágica das bolas de fogo que o Senhor da Justiça e a Senhora das Tempestades expelem para todos nós. Pode haver tempestades na nossa vida que o sabor da justiça faz acalmar essa tempestade, porque os ventos transformam e eletrizam o ar que respiramos e temos de estar prontos para receber sempre as tempestades da nossa vida, porque Iansã e as Yabás estarão sempre tomando conta das nossas vidas. Assim a gente o entenda e perceba.

É maravilhosa a forma como Iansã e Xangô estiveram presentes no simbolismo de que, em nossas vidas, os ventos que sentimos naquele dia, impulsionados pela Senhora das Tempestades, trazem a fartura, o conhecimento, o saber e, acima de tudo, possam manter-nos de bem com a vida e esperar o tempo em que cada um se movimenta nas grandes encruzilhadas, protegidos pelas Yabás da nossa vida. Por isso, o acarajé tem um simbolismo forte de renovação e revolução para todos nós que queremos estar e dizer “presente” à chamada para as nossas missões.

Linha Esquerda e Direita - por Alexandre Gonçalves



Uma das características mais cativantes da Umbanda é a interação com as entidades: a possibilidade de poder aprender e enfrentar as nossas dificuldades e, nesse contacto, ir falando com as várias linhas de trabalho da Umbanda.

O tipo de abordagem vai mudando de acordo com a linha que está a trabalhar naquele momento e, até mesmo, o tipo de ajuda recebida muda, sem que seja visível ou tenhamos consciência do que está a acontecer, enquanto estamos a interagir com as entidades.

O Panteão de entidades está representado por Ibeijada, Pretos-Velhos, Caboclos, Elegbara, Baianos, Boiadeiros, Marinheiros e Povo do Oriente. Cada uma destas linhas tem o seu campo de atuação, não sendo uma mais importante que a outra, mas apenas uma corrente de vários elos, onde cada elo tem a sua importância e todos unidos formam uma corrente de força.

Por algumas vezes, já ouvi dizerem a "linha da esquerda ou da direita" e questionei-me sobre o que isto quereria dizer, esta divisão. Porquê dividir as entidades desta forma, como se houvesse uma força positiva e uma negativa, quando nada tem a ver com isso? As densidades e energias que são

trabalhadas, essas sim, estão ligadas a esta divisão, pelo tipo de trabalho que fazem, as cargas e tudo mais que é necessário realizar de acordo com a energia presente.

E, assim, pelo que fui vivendo dentro do terreiro, observei que umas linhas atuam através de uma linguagem calma, trabalhando a auto-estima, dando orientação com uma palavra de conforto, ou seja, fortificando a visão para acreditar na esperança, sendo que mesmo os avisos vêm de uma forma suave e meiga. Por outro lado, há linhas que trabalham na base do choque, da verdade dos acontecimentos, para provocar um "abanão" e levar-nos a refletir no que fizemos e nada mudámos, mas querendo resultados novos, fazendo sempre teimosamente o mesmo. Com um discurso direto que, por vezes, custa ouvir, essas linhas não estão preocupadas em serem simpáticas, mas sim em definir e reorganizar a autodeterminação do que é necessário fazer para se obterem resultados diferentes.

Assim, para mim, enquanto a linha da direita é mais suave, a linha da esquerda é mais direta. Na linha da direita, considero a Ibeijada, Preto-Velho, Caboclo e, na linha de esquerda, Elegbara e Oriente.

Então e os Baianos, Marinheiros e Boiadeiros...? Bom, estas linhas, apesar de serem mais de direita, atuam em ambos os lados, conforme as necessidades. São linhas que trabalham energias mais densas também, sendo que sempre que acharem necessário passar os trabalhos para outra linha, elas o encaminham para quem sabem que têm de encaminhar. Na verdade, todas elas o fazem, dependendo do tipo de trabalho a desenvolver, densidades de energias, assuntos a explorar e até limpezas de ectoplasma.

Liberdade e Responsabilidade - por Teófilo Pereira

Para entender a relação entre liberdade e responsabilidade há que perceber que a palavra liberdade significa independência e a palavra responsabilidade significa ter a capacidade de se comprometer.

A liberdade no sentido moral dita a capacidade de a humanidade escolher ou decidir de uma forma racional que atos praticar, pensando nas causas e consequências desses mesmos atos, tanto na sua forma como no seu conteúdo.

Todas as nossas ações são fruto das circunstâncias e das nossas próprias características, até porque somos seres únicos, oriundos de uma criação divina.

A liberdade é solidária, porque cada um de nós só é livre com os outros, visto que não somos os únicos habitantes deste mundo.

A liberdade reside no facto de termos a capacidade de dizer sim ou não, quero ou não quero, para isso temos de ter a noção das várias alternativas, não dependendo de uma só, isso seria uma ditadura irracional.

A liberdade é intuitiva e reflexiva e, logo, o seu exercício exige Tempo e aqui está o tempo que cada um tem no tempo de ser livre respeitando o tempo dos outros.

A responsabilidade, pelo seu lado, é a capacidade e uma obrigação moral de assumirmos os nossos actos, e é nesses actos que a gente se reconhece (enquanto pessoa única, mas vivendo em

sociedade), dado que são eles que nos moldam e nos constroem como pessoa.

A liberdade e a responsabilidade estão ligadas na medida em que **só somos realmente livres se formos responsáveis e só podemos ser responsáveis se formos livres.**

A responsabilidade implica escolhas (tal como a liberdade) na racionalidade, o que vai ao encontro da definição de liberdade.

A Umbanda não nos raciona a liberdade, pelo contrário, apela à responsabilidade pela liberdade da escolha pela Umbanda, ato racional e de sacrifício que essa escolha implica.

Dizer Umbanda no Terreiro implica dizer Umbanda na vida diária, porque a liberdade da nossa escolha implica a prática de atitudes que configuram um ser melhor, solidário, equilibrado, na prática da caridade, força moral de Umbanda. Sem caridade, a salvação não existe. Somos filhos do bem e, com o bem, temos de ter a capacidade de escolher em liberdade e responsabilidade o caminho dessa prática do bem, com os sacrifícios que, muitas vezes, implica em todos os setores da nossa vida. Fomos Umbanda ontem, Hoje continuamos a ser Umbanda e amanhã continuaremos na prática da Umbanda, religião que os nossos ancestrais nos legaram.

A minha liberdade implica reconhecer os meus defeitos e valorizar as minhas virtudes sem vaidades. Umbanda é a responsabilidade de servir o



Chão que os nossos Orixás pisam, que as nossas entidades usam e que nós médiuns palmilhamos, por isso uma vassoura é um ato de responsabilidade para com o Terreiro, depois vem a liberdade de assumir esse ato (isto é só um exemplo).

A responsabilidade é escutar, respeitar e assumir os ensinamentos da hierarquia da casa. Liberdade de assumir o simples gesto de defesa da nossa casa e da nossa Yalorixá. Devemos isso a todos, quanto mais respeitar, honrar, assumir e amar quem cuida de nós, devemos isso pelo simples facto de que temos de amar em liberdade e responsabilidade a nossa Mãe de Santo e os Donos do Chão que pisamos.

Liberdade não é libertinagem, por isso a liberdade é ser responsável nos atos que praticamos e assumimos de transformar o mundo que vivemos num mundo melhor e isto é aquilo que nos propomos dado que a Umbanda é a forma mais tranquila, livre e responsável de alcançarmos um mundo melhor, solidário e com a capacidade de servir Um Deus que nos quer no caminho da felicidade.

Evoluímos porque somos possuidores de uma mais-valia que Deus nos concedeu, desde os primórdios da Humanidade, – o Livre arbítrio – nada mais do que a liberdade que nos leva à responsabilidade de assumirmos os nossos defeitos e virtudes, tomando como princípio a racionalidade dos atos praticados. Somos Humanos, estamos a cumprir e a resgatar vidas passadas, por isso estamos a lutar pela leveza dos nossos atos presentes, redimindo o passado, com o intuito de promover um futuro de Luz, Paz e Tranquilidade.

Umbanda é atitude diária na responsabilidade de perceber o outro, para que também nos possamos entender e conhecer como pessoa, só assim podemos assumir a plenitude de sermos livres e responsáveis pelas nossas escolhas. Boas ou más, foram as nossas escolhas e, responsabilmente, não podemos acusar os outros das nossas opções na vida, temos, isso sim, de perceber o nosso erro para encontrar o paraíso da nossa liberdade.

Magia das Velas - Por Ana Vidal

Desde os tempos mais remotos, o fogo carrega uma incrível simbologia para a humanidade. Primeiramente como fonte de luz e de calor, e depois, não muito depois, simbolicamente representando o oculto e o místico, o “outro lado”.



Imagine-se a recuar à Pré-história, numa caverna úmida, escura e inhóspita. O Homem descobriu o fogo, mas logo percebeu que o seu uso era limitado se utilizado unicamente num espaço confinado como fonte de luz. Assim, no lugar da fogueira, usou a gordura animal para produzir um bruxuleio que afastaria os demónios da noite. A vela foi inventada.



Simbolicamente, a Luz sempre representou o poder do Bem para a humanidade. Nos antigos mistérios da Antiguidade Clássica, simbolizava a sabedoria, a iluminação, o conhecimento e a realização espiritual. Em contraste, a escuridão significava ignorância, maldade e materialismo exacerbado.

“O fogo não fala aos animais, mas fala ao Homem. Diante do fogo, o animal se espanta e foge, enquanto o Homem espanta-se e aproxima-se.”

O fogo é o símbolo do Sol, o símbolo do Ser Supremo. O fascínio sobre este elemento remonta, por isso, a tempos longínquos, em que diferentes povos e cultos se reuniam em torno das fogueiras como forma de se conectarem ao Divino, ao Alto Superior, ao Oculto, à Ancestralidade.

Na Antiguidade, eram utilizadas as piras em cultos dirigidos às divindades do fogo. Entretanto, as velas chegaram para substituir as piras nos cultos religiosos mais antigos e, ainda que não tenhamos uma noção exata de quando se iniciou o seu uso, independentemente do material de que são feitas (parafina, cera ou lamparina), a chama da vela sempre incitou a ir ao encontro com o nosso íntimo, a buscarmos respostas e a entrarmos em sintonia energética com os Seres que nos são afins.

Acender velas é, realmente, uma arte mágica, cheia de simbolismo e de enorme poder. Dentro da magia universal, as velas foram sempre utilizadas na maior parte dos rituais em que se precisa realizar algum contacto com forças superiores (ou inferiores), claro está, dependendo da moral de quem vai fazer uso dessas forças mágicas.

Um ritual bem simples e conhecido por todos nós, desde tenra idade, é a comemoração do aniversário, soprando velas. Este costume profundamente enraizado carrega essa magia: a concentração na chama das velas vincula um pedido para o ano que se renova e o ato do sopro é o símbolo que focaliza a nossa atenção e vibração para que este possa ser atendido. Deste modo, a **CONCENTRAÇÃO e a FOCALIZAÇÃO**, no momento de manusear as velas, são as chaves que irão determinar o seu bom ou mau uso. Acender uma vela requer (ou devia requerer) um coração aberto, conectado com o Sagrado, com o Divino, com as forças do Bem, para que o nosso objetivo possa ter impacto positivo em todos os envolvidos.

Nos templos religiosos, há sempre uma vela acesa. A chama é a conexão direta com o mundo espiritual superior, sendo que a parafina ou cera atuam como a parte física da vela ou símbolo da vontade, e o pavio é a direção. Nos terreiros de Umbanda, especificamente, a vela constitui um ponto de convergência para que o umbandista fixe a sua atenção e possa fazer a sua oração ou agradecimento ao Espírito ou Orixá a quem a dedicou. Além desta função, as velas acesas consomem as energias negativas impregnadas no ambiente. Na verdade, as velas acesas em consagração às divindades ativam uma corrente energética que irradia por todo o Terreiro, levando a quem estiver presente o seu fluxo de energização.

Na Umbanda, assim como em outras religiões, as velas são utilizadas nos altares (congás), Casa das Almas e Cruzeiros, pontos riscados e em trabalhos mágicos, com o intuito de desfazer demandas negativas, e em quase todos os rituais.

As velas possuem um forte poder energético e vibratório e esse poder atua no espírito de quem estiver a receber a sua irradiação. Neste sentido, acender uma vela mecânicamente,





responsabilidade e consciência são fundamentais neste processo. Quando acendemos uma vela, sejamos umbandistas ou não, estamos, na verdade, a abrir na nossa mente um portal para outra dimensão. A chama remete intrinsecamente para o despertar da nossa “fogueira” interior, religando-nos aos nossos ancestrais, às nossas Origens e ao nosso Poder com o Cosmos, abrindo um fluxo de energia condizente com a nossa **INTENÇÃO**.

Muitos, sem se aperceberem, acendem velas para os seus Guias de forma automática, num ritual mecânico, sem qualquer concentração. É, então, preciso reforçar e sensibilizar a todos da importância do foco e respeito ao acender uma vela, uma vez que a energia emitida pela mente de quem a usa irá juntar-se à energia do fogo, e ambas irão vibrar no espaço cósmico. A intenção ao acender a vela gera uma energia mental no cérebro e é essa energia que será captada pelo Plano Astral.

Assim, e para concluir, a qualidade não está no número de velas que se acendem, mas única e exclusivamente no sentimento e intenção que se colocam. Quer tenhamos consciência disso ou não, com velas ou sem velas, o Universo capta primeiramente a vibração do nosso interior. Então, tenhamos Fé em nós mesmos, na nossa capacidade de cultivar a pureza nos nossos corações e, desta forma, o ato de acender a vela será apenas o GATILHO para que todo o Bem que carregamos dentro se possa materializar com a ajuda Divina. Sejamos, primeiro, gratos e façamos depois os nossos pedidos, com a consciência do nosso merecimento.

Salve a Magia do Fogo! Salve a nossa Chama Interior! SALVE A LUZ!

Pontos Cantados

Pontos de Pretos Velhos:

Santo António que abre canjira

Santo António que abre congá

Segura essa canjira meu Santo António

Não deixa a banda virara

Pai Joaquim ê ê

Pai Jaquim ê á

Pai Joaquim veio de Angola

Pai Joaquim vem de Angola Gola

A Lua lá na céu surgiu

E clareou os caminhos de Umbanda

Na terra filho de Pemba pediu

Preto Velho ouviu, como é linda

A nossa Umbanda

Pai Joaquim, cadê Pai Mané

Pai Mané está no mato

apanhando Guiné

Diga a ele pra quando vier

Suba a escada e não bata com o pé

Oi cucurica que chora Mironga

Chora Mironga, Chora a Mironga

Negro trabalha, trabalha cantando

Filho de Fé acompanha rezando

É a corrente firmada pra Oxalá

Ele vai nos ouvir e vai abençoar

Se negro canta trazendo essa alegria

Se vem de longe é pra saudar a quem tem fé

É mensageiro da Paz e do Amor

E se esta aqui na terra é em nome do senhor

E la no céu vi estrela que brilha

E na pedreira eu vi pedra rolar

Vi os caboclos dançando na Areia

Quando a sereia começou cantarolar

E no seu canto ela sempre dizia

Que só queria ter asas para voar

E ir ao céu buscar estrela que brilha

Para Vó Isaura enfeitar o seu congá

E ir ao céu buscar estrela que brilha

Pra Pai Joaquim enfeitar o seu congá

Carreia negro carreia

Esse negro já carreou

Mas hoje esse negro trabalha

Com São Bendito e Nosso Senhor

Mas hoje esse negro trabalha

Com São Bendito e Nosso Senhor



ESTAMOS NA WEB!

WWW.TUPOMI.PT

TUPOMI

Tel: 916 813 819

Correio electrónico:
geral@tupomi.pt

Coordenação e Edição:

José Artur Conde

Alexandre Gonçalves

Teófilo Pereira

Luísa Ribeiro

Ana Vidal